

As possibilidades que a arte traz ao universo escolar e às políticas de educação

por Marcia Nico Evangelista¹

Resumo

O presente trabalho buscou tecer a importância da arte nos espaços escolares, como também, nas políticas de educação. Para tanto, procurou-se reconhecer pistas sobre as características da escola da atualidade, suas contradições e perspectivas, tendo a arte como possibilidade de enriquecimento cultural, estético e educacional. A partir de uma abordagem teórica que tomou como referência os autores Walter Benjamin e Célia Linhares, analisou-se a potência criadora que o movimento artístico nos propicia reinventando rumos nas instituições escolares.

A escola dos tempos modernos...

A escola habita nossos imaginários e expectativas porque reconhecemos sua importância enquanto espaço privilegiado para a construção e a sistematização de conhecimentos. Ao longo de nossa história escolar no Brasil, algumas contradições vêm nos acompanhando e nos deixando intrigados, sobretudo, no que diz respeito aos frequentes problemas nas aprendizagens dos estudantes, gerando insatisfações por parte daqueles que passam pelas instituições escolares. Tal situação se configura em uma questão complexa levando, inclusive, as políticas públicas de educação a se indagarem sobre tais questões e buscarem programas e avaliações como possíveis soluções às mazelas educacionais.

Pesquisas e estatísticas permeiam as avaliações educacionais valorizando os indicadores escolares e os índices que precisam ser atingidos, a qualquer custo, pelas instituições. Em relação a esta

experiência, a decepção dos estudantes vem aumentando a cada negativa diante dos seus desempenhos escolares, tornando os seus os sonhos de construção de uma realidade mais promissora e democrática, distanciados pelos obstáculos vividos.

O que de fato nos chama atenção sobre esse universo de índices, fórmulas e indicadores, são as análises empertigadas de cientificidade, cristalizadas como indiscutíveis, e que não abrem espaço para discussões ou debates sobre os problemas levantados. Esta realidade aponta e clama por caminhos que de fato encontrem direções para a reinvenção deste modelo escolar instituído tornando-o mais criativo, sensível e significativo.

Desta forma, e buscando pistas sobre as questões que permeiam a educação dos tempos modernos, percebemos armadilhas que perpassam e cercam a escola. O desafio que encontramos na atualidade de se pensar em uma educação que se distancie dos caminhos empreendidos pelo projeto neoliberal está no enfrenta-

mento de um tempo onde o capitalismo em expansão nos propõe um mundo de homogeneidades e linearidades tentando enquadrar desejos e formas de viver globalizantes. O projeto neoliberal² da atualidade visa a promoção de uma grande aldeia global que procura enfatizar a idéia de um progresso triunfal através da união dos povos e das nações num só caminho. Esta perspectiva também compromete os rumos da educação quando incessantemente são impostos modelos salvadores com a promessa de se atingir a tão sonhada qualidade. O que de fato acontece é a valorização da monocultura pedagógica que mais parece formas de disciplinamento contra a riqueza dos caminhos e dos pensamentos múltiplos existentes em cada instituição escolar. Desta forma, os educadores vêm convivendo com situações que se mesclam entre a decepção de seus sonhos por uma educação que transforme a realidade social caracterizada pela desigualdade e pela exclusão, e o cultivo da esperança de um devir histórico que movi-

mentem outras lógicas escolares.

A escola que hoje compartilhamos espelha as influências do mundo moderno, mas o que de fato aconteceu com a escola da atualidade? A escola que durante muito tempo permaneceu no imaginário do povo como uma esperança de dias melhores para os seus filhos, hoje se configura em um espaço não muito democrático, individualista, tecnicista, burocrático que abdicou de seus sonhos mais promissores. A utopia em criar um sistema democrático de educação está hoje ameaçada pela proposta de uma escola que espera homogeneizar todos aqueles que estão dentro dela formatando modelos e caminhos que não respeitam as diferenças e as individualidades tão positivas na natureza humana. O neoliberalismo pedagógico precisa de uma educação funcionalista para produzir sujeitos eficientes para a reprodução do sistema capitalista.

O desafio da reinvenção da escola mobiliza todos os envolvidos no processo educacional, tanto as políticas públicas de educação quanto pequenos movimentos que tentam instituir outras práticas pedagógicas dentro de unidades escolares. Este incessante desejo por um universo escolar mais autônomo na criação de perspectivas reais para sua comunidade nos leva a indagar sobre as formas pelas quais as escolas poderiam estar

inseridas nestes movimentos cultivando raízes e gerando frutos.

A experiência da educação mergulhada na atmosfera da descoberta nos provoca a tentar novas trilhas, a ousar novas propostas e a fugir do que nos causa tédio: a repetição automática e a falta de estranhamento. Assim, poderemos recuperar a nossa vitalidade de reinventar o cotidiano.

A arte reinventando a escola

A arte está sempre nos convocando a um passeio questionador pelo mundo. São as ambigüidades que abrem nossas mentes para o expressar de pensamentos e de idéias, fugindo das rotinas envelhecidas. Precisamos de uma arte que subverta esse nosso tempo por meio de debates públicos, rompendo com a homogeneidade em que o sistema neoliberal deseja nos envolver. Devemos re fletir, inclusive, sobre a concepção utilitária de mundo que só reconhece o que de fato serve ao mercado consumidor.

Instigada por encontrar uma política de educação que busque a ética e a estética como diretrizes ao processo do educar, procuro neste universo complexo das políticas o entendimento de que a educação é uma tarefa carregada de sonhos, de projetos, de realismo e de utopias. O educar não pode estar desconectado

da tentativa de se investir no futuro, já que a educação é um apostar no que está por vir. Nesta teia de ideologias em que as políticas de educação no Brasil se encontram, procuramos nas tendências contemporâneas das experiências da educação pública o que mobiliza ações na busca por criações de outras possibilidades pedagógicas e civilizatórias que subvertam a lógica do capital.

Tomando como fonte de inspiração o artista e um dos grandes pintores do século XX, Marc Chagall, vou percorrendo as veredas que o lançaram em um horizonte de re flexões sobre a vida e a política. Ele se tornou Marc Chagall desenhando e pintando, de forma obstinada, o seu encantamento pela vida a partir dos enigmas vislumbrados no bairro judeu de Vitebsk, na velha Rússia, onde vivia.

Marc Chagall e seus companheiros surrealistas nos convidam para a relação entre a atividade artística e a prática política. A experiência de viver a arte como pressuposto de recriação e subversão ao instituído estagnado e conformista, nos aproxima de movimentos que busquem a potência do inacabamento de nossas vidas. A possibilidade de tecer histórias abertas a múltiplos caminhos proporciona a esperança de um futuro à nossa capacidade de resistir e criar.

Ao compreender o surrealismo como *O último instantâneo da inteligência*

européia, Benjamin brilhantemente aposta no conceito radical de liberdade.

Os surrealistas dispõem desse conceito. Foram os primeiros a liquidar o fossilizado ideal de liberdade dos moralistas e dos humanistas, porque sabem que “a liberdade, que só pode ser adquirida neste mundo com mil sacrifícios, quer ser desfrutada, enquanto dure, em toda a sua plenitude e sem qualquer cálculo pragmático.” É a prova, a seu ver, de que “a causa de libertação da humanidade, em sua forma revolucionária mais simples (que é, no entanto, e por isso mesmo, a libertação mais total), é a única pela qual vale a pena lutar. (1994, p.32)

Quando o nosso filósofo analisa o surrealismo numa perspectiva dialética de pensamento, está nos mostrando o quanto de revolucionário existe nesta experiência. Revolucionário porque irá politizar o cotidiano através das inúmeras possibilidades contidas em cada momento de vida. A força do movimento surrealista está vinculada a duas questões potentes: a idéia de liberdade e a potência crítica. Tal química resultante da conjunção dessas relações abre de forma nova e revolucionária a experiência política. Seria quase uma atitude de “profanação”³, pois esta ligação quase que impossível é realizada brilhantemente. Arte e Política se conjugam em uma nova esfera: a ética e a estética.

Essa possibilidade do

questionar a unanimidade e as formas do pensamento único, precisa estar presente em nossas vidas transformando as atividades do nosso cotidiano, inclusive a escolar.

O dia a dia dentro das instituições escolares lembram muito as fábricas tão criticadas por Charles Chaplin no filme *Tempos Modernos*. Sendo assim, nos indignamos com tal realidade e nos perguntamos sobre qual seria o encanto de uma vida repleta de mesmices que reduz o potencial criador humano à mecanização? Qual seria o entusiasmo de uma escola que está envolvida nesse processo burocrático de reprodução de conhecimentos?

Nesta direção, a arte se torna um importante ingrediente para a criação de uma outra vida escolar. As instituições escolares, ao proporcionar espaços para a pintura como as de Cândido Portinari, brasileiro que tanto nos instigou a pensar o Brasil, com sua estética inquietante sobre o mundo, as crianças, a política nos lançam em voos ilimitados. Como não se sensibilizar com as telas *Marias*, *O Futebol* e *O Café*, com a arte que transborda a cultura e a beleza do nosso povo?

A obra de Portinari transpira de forma especial a leitura do significado de ser brasileiro. O seu desejo de representar os aspectos da vida brasileira, durante a primeira metade do século passado, nos conduz a uma síntese crítica de

um país que possui um povo que luta pela sua sobrevivência, mas não se esquece de seus sonhos. A sensibilidade das pinturas de Portinari nos emociona e nos faz pensar o quanto seria importante trazer para dentro dos muros escolares as perspectivas de um pensamento genial e artístico.

Buscar a arte no contexto escolar significa percebê-la enquanto possibilidades de conhecimento. A arte pretende ser tão imprescindível e necessária quanto qualquer outra disciplina escolar e se reconhecermos as multiplicidades de caminhos que são abertos através de movimentos como estes, faremos dos estudantes indivíduos impregnados de potencialidades afetivas, sociais, sensíveis e criativas.

Tais riquezas presentes nas obras de arte, nos filmes, nas pinturas, nas músicas, nas esculturas, nos convidam a embelezar nossas vidas com o movimento da estética e da ética. Trocar as frias “aulas expositivas” por momentos de sensibilidade e de reflexão que estimulem o entusiasmo dos alunos pela escola, como um próprio aluno me confidenciou dentro de uma unidade educacional do município de Niterói:

Dona Marcia, a gente quer pintar o que tá dentro da cabeça da gente. Pintar nos muros da escola não é coisa errada não! É arte de rua! O que a gente pensa não pode ser

menos importante do que a gente aprende lá nas salas de aula... Lembra dos Titãs: A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte. A gente não quer só comida, a gente quer saída para qualquer parte... (Escola Municipal Infante Dom Henrique – aluno do 3º/4º ciclos)

A música dos *Titãs*, bem como a fala do adolescente, deveria ser motivo de discussão e aprendizagem para todos que estão dentro do processo de educação escolar. Tomando emprestada a fala da Professora Célia Linhares, *as escolas estão cansadas de cartilhas e manuais simplificadores*⁴. Pesquisas educacionais chamam nossa atenção para processos de aprendizagens que amordaçam os problemas, deixando que a própria complexidade presente no dia a dia de nossas vidas fuja dos planejamentos pedagógicos.

A urgência da arte nos ambientes escolares se faz necessária enquanto pontes de ligação entre as várias ciências, entre os diversos saberes, entre os que ensinam e os que aprendem.

Esperamos que o movimento artístico anuncie novos rumos para as escolas redesenhando suas relações, seus espaços e seus currículos, construindo uma instituição escolar mais instigante, sensível, generosa, aprendente e ensinante.

As Políticas de Educação e as Instituições Escolares

As instituições escolares vêm caminhando com as contradições e as reinvenções de propostas educacionais. As tensões e os conflitos que são vividos no espaço escolar estão presentes, muitas vezes, nas políticas de educação que são gestadas por pessoas que não fazem parte daquele universo e, portanto, não identificam suas necessidades e sonhos.

Este isolamento se agrava com o tratamento que as políticas educacionais têm dispensado aos professores. Não há como um professor se sentir reconhecido politicamente, socialmente e culturalmente se não se estabelecem dialogias em direção aos seus pensares ou às suas expectativas. Tratá-los como tarefairos que devem apenas executar planos e comandos ferem a própria liberdade humana para a criação.

Nessa direção, Célia Linhares destaca a problemática das reformas em nossa história educacional brasileira, destacando a perda das memórias e das narrações profissionais que expõe os educadores a isolamentos que em nada contribuem para o nosso processo político. Tais reformas atingem nossas escolas reduzindo toda comunidade escolar a uma instituição sem passado e dirigindo seus passos num ritmo de pensamento único, atrelado a uma lógica de dependência

automatizada. Vale registrar a re flexão

Nas reformas educacionais, que atingem nossas escolas, uma das estratégias mais usadas é a de isolar o professor e cada instituição escolar, levando a uma experiência de fragmentação e de perda das memórias e narrações profissionais, existenciais, institucionais e políticas. Não podemos esquecer que, isolados, perdemos a memória, por ser esta uma construção sempre histórica, coletiva. (Linhares, 2001, p. 163)

Reformas, planos ou diretrizes que impõe a tirania dos modelos e das imposições pretendem processos de massificação que desrespeitam a singularização das instituições escolares. Esta é a grande ameaça que na atualidade as escolas sofrem, mas que não chegam a impedir os movimentos instituintes.

Os movimentos instituintes são entendidos por mim, como movimentos que se preocupam e objetivam a autonomização dos sujeitos sociais através de suas práticas democráticas e libertadoras do pensar, como um processo político. Sem a possibilidade de novas concepções de itinerários, não haveria possibilidades de recriar a realidade. A importância da prática formativa do pensar nos oferece a multiplicidade de ideias faiscentes por outras existências

de mundos mais sensíveis às diferenças e compromissados com a inclusão de todos. O universo escolar está carente de espaços abertos a esse processo do pensar, do indagar, do questionar sobre o seu cotidiano que aprisiona mentes e corpos. O valor do infinito pensamento está na certeza de que não há limites às mudanças e que a história está sempre em processo de construção.

Sabemos que as ações instituintes estão misturadas ao instituído trazendo a dimensão contraditória e ambígua que o próprio ser humano possui, como também, presente em suas instituições. Sabemos que podemos criar inúmeros outros caminhos em relação ao que conhecemos, mas muitas vezes somos conformistas ou submissos, e reproduzimos o sistema que está posto. Nesta perspectiva, a atmosfera instituinte reacende as esperanças nas experiências coletivas e inovadoras enquanto possuidoras de um valor especial. Seria o valor de partilhar e trocar seus saberes, pensamentos e expectativas, que partindo de interesses subjetivos, tornam-se coletivos por estarem entrelaçados a uma história em comum.

Encontramos, algumas vezes, poucas janelas ou oportunidades para que cada escola encontre e aponte seus movimentos. Percursos com grandes desafios ou insucessos, mas vivos de experiências e de aprendizagens. Estradas que

são traçadas e descobertas quando fugimos do pensamento único e galgamos espaços que hoje se encontram vazios. A poética que, no passado, entrava na vida do ser humano, hoje está estacionada aos limites das disciplinas. Muitas vezes, em nossas escolas, a arte em qualquer de suas linguagens, como a poesia, não possui status de saber relevante. Por isso, atropelamos desejos, sonhos de nossos jovens em detrimento do cumprimento de “grades” curriculares que mais parecem camisas de força.

As reformas, muitas vezes, são justificadas para que possamos transformar a realidade instituída⁵, mas a questão se agrava pela ausência de diálogo com os professores, estudantes e familiares envolvidos com o processo escolar.

Alguns estudiosos como Juana Sancho, professora da Universidade de Barcelona, conduz algumas questões e reflexões sobre o caso da reforma Espanhola. Quando ela estudou as reformas educacionais destacou as dificuldades que existem quando estas são planejadas fora da escola. Juana Sancho (2001) questiona, ...Que possibilidade de êxito teria uma proposta de reforma que não levava em conta o saber fazer e a cultura dos centros de ensino (...), se não se consideram as expectativas e os conhecimentos dos que estão implicados nisso.

Acreditando que tais argumentos reforçam as con-

tradições do processo inovador, ela continua sua crítica expressando que o maior inimigo deste processo está na auto-satisfação acrítica e rotineira.

Longe de enxergarmos as reformas e os planos somente pela ótica determinista, esta armadilha também vem nos conduzindo a outros percursos para além do aparato legal ou constitucional. A escola vem carregando seus próprios planos e subvertendo esse cotidiano através de experiências educacionais. Leis e Planos são criados para serem implementados nas escolas, contudo, sempre é possível percebermos sinais de movimentos instituintes, quando ações permeadas pelo tecido coletivo engendram o universo escolar, modificando as suas relações.

Pensar em uma Política de Educação entrelaçada à ética e à potência criadora da arte nos inspira a sonharmos com escolas e planos educacionais permeados por uma lógica mais paritária entre adulto e criança, entre os que falam e os que escutam, entre os que pensam e os que fazem. Acreditando na riqueza da alteridade e na beleza das imagens alegóricas, a estreita relação entre arte e educação pode se tornar uma experiência constituída por percursos estéticos e éticos em que as escolas vão construindo, com ambivalências, contradições e lutam os seus próprios caminhos. Tal movimento espera ser uma obra aberta a outras

experiências e sem almejar sua conclusão ou finalização total e definitiva. Há sempre desdobramentos, como a própria vida e a história.

Construindo possibilidades no coletivo escolar

Concebendo a escola como um espaço de relações mais horizontais e que valorize os conhecimentos dos sujeitos que ali se encontram e trazem suas sabedorias, o processo de aprendizagem estabelecido dentro de um ambiente com tais prerrogativas se constituirá em um movimento privilegiado para a invenção.

Partindo do pressuposto que todos os profissionais envolvidos no universo escolar são sujeitos que possuem muitas coisas para nos contar e contribuir para uma escola mais criativa e sensível, acreditamos que a perspectiva democrática unindo-se ao movimento artístico, fará do espaço escolar um lugar com múltiplas possibilidades de mudança.

As instituições escolares que reconhecem a necessidade de frequentes dialogias para a elaboração de seu trabalho pedagógico e de seu Projeto Político Pedagógico (PPP), estarão se comprometendo com os caminhos e com as práticas participativas que em muito ajudarão ao desenvolvimento de experiências fundamentais para a política e para o potencial criador.

O movimento democrático e o encontro coletivo dentro das escolas possibilitarão a comunidade escolar reconhecer que o valor de documentos como Projeto Político Pedagógico, Plano Municipal de Educação, Deliberações, Portarias, Leis e demais dispositivos legais estarão no registro vivo da história percorrida pelos sujeitos participantes. A experiência política vivida pelos sujeitos se traduz em experiências significativas para eles e para toda a escola, quando os documentos legais não forem mais interpretados como apenas um conjunto de metas, objetivos ou procedimentos. Tornar a burocracia instituída, ou seja, leis, planos e reformas educacionais, em propostas significativamente coerentes e reais para a escola deverá ser o principal objetivo de um movimento político educacional.

Quando a comunidade escolar valorizar as práticas dialógicas e instigadoras do questionar sobre os modelos de educação que visam a homogeneidade, na realidade, estará procurando redimensionar todo o seu entendimento sobre a ação educativa. Quando percebermos a importância de se desenvolver um trabalho pedagógico envolvido por valores estéticos e artísticos, perceberemos o quanto a arte deveria fazer parte também dos planos de educação ou das reformas educacionais. A preocupação de se elaborar um PPP com ideais de uma edu-

cação sensível a arte, enquanto expressão de sentimentos e de emoções, se configura em uma atividade de extrema seriedade por levantar tais questões dentro do cotidiano escolar e refletir a necessidade de se discutir mais profundamente sobre os caminhos educacionais que pretendemos adotar.

Desta forma, as políticas públicas de educação precisam reconhecer as especificidades de cada escola, suas necessidades e os percursos que constituem a sua trajetória, compreendendo que não poderá existir uma só formulação estratégica que possa cuidar da rede de relações que compõem a realidade de uma escola. Somente com a busca coletiva de um trabalho que discuta os problemas, os entraves, as perspectivas e as possíveis soluções, a comunidade educativa encontrará caminhos para a construção de um projeto de escola que faça com que nos orgulhemos de ter compartilhado experiências históricas e políticas. Recuperando o encontro entre a política, a arte e a educação estaremos assumindo, antes de tudo, um compromisso com a ética e o desejo de reinventar uma escola viva de expressões artísticas ■

NOTAS:

1 Mestre em Políticas Públicas e Movimentos Instituintes em Educação – UFF e Supervisora da Fundação Municipal de Educação de Niterói – FME.

2 Segundo Jurjo Santomé estamos vivendo em uma sociedade em que a esfera econômica, por meio de instituições como FMI(Fundo Monetário Internacional), o Banco Mundial, a própria OCDE(Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico), a OMC(Organização Mundial do Comércio) etc., dita a governos as linhas mestras que obrigatoriamente devem seguir, caso não queiram ficar à margem ou ser considerados inimigos econômicos. São estes organismos econômicos mundiais que pregam e impõem uma política de restrição do gasto público, de congelamento e redução de salários, flexibilizando o mercado de trabalho para realizar contratação de pessoal etc. (2001:18).

Célia Linhares nos tem ressaltado que apesar das crises de insolvência do sistema capitalista, uma sofisticada rede de ações explícitas e implícitas continuam se expandindo para promover processos padronizadores que atravessam a educação e a cultura.

3 AGAMBEN, Giorgio. Profanações. São Paulo: Boitempo, 2007-p.10.

4 LINHARES, Célia. Portinari na Escola. Revista da UBE - União Brasileira de Escritores. Nº121-Julho de 2009.

5 Usamos a expressão “instituinte” para diferenciá-la do apelo ao “novo”, alimentado por um estilo capitalista de consumir bens, recusando as heranças de uma tradição que em si mesma inclui lutas e esforços éticos para superar opressões e violências, de todas as ordens, dirigidas à vida e à humanidade. Linhares nos alerta que as reformas educacionais, desde o final do século passado, se redimensionaram e se propagaram nas grandes democracias, sob comandos de agências financeiras e econômicas, que recorrentemente têm pressionado os países emergentes, com “argumentos” de “empréstimos salvadores” para a execução de planos de formação de seus professores, priorizando práticas de aprendizagem e ensino, idealizadas pelas nostalgias de uma escola elitista. (Linhares,2004,p.16)

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. Profanações. São Paulo: Boitempo, 2007.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. 7 ed. V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LINHARES, Célia. Os Professores e a reinvenção da escola: Brasil e Espanha. São Paulo: Cortez, 2001.

LINHARES, Célia. Formação continuada de professores: comunidade científica e poética – uma busca de São Luis do Maranhão. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. Formar Professores, contribuindo para a reinvenção da escola e da radicalização da democracia. Universidade Federal Fluminense, 2009. celialinhares@uol.com.br

SANCHO GIL, Juana Maria. É possível aprender da experiência?IN: Célia Linhares (org.). Os professores e a reinvenção da escola: Brasil e Espanha. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 81-114.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. O professorado em época de neoliberalismo: dimensões sociopolíticas de seu trabalho. IN: Célia Linhares (org.). Os professores e a reinvenção da escola: Brasil e Espanha. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p.17-55.